



A EXPERIÊNCIA DO DISTANCIAMENTO SOCIAL: entre presenças, ausências e sentidos

DOI: 10.17058/barbaroi.v1i64.17495



Laís Vargas Ramm

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Andressa Silveira da Silva

Universidade Federal do Rio Grande

Cleci Maraschin

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Resumo

O presente ensaio teórico buscou discutir as transformações que a experiência de distanciamento social, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, tem operado nas formas de produção compartilhada de sentidos. Para tal, utilizamos as contribuições da abordagem enativa da cognição sobre o conceito de produção de sentidos. As noções de presença e ausência, como dimensões coproduzidas e relevantes nas vivências coletivas do último período permearam toda a reflexão. Compreendemos o sentido como uma realização incorporada que movimenta e mantém a vida e sua rede de relações, de modo que não é produzido apenas individualmente, mas também participativamente. Avançamos na discussão sobre a experiência corporal de ausências, destacando a solidão no aspecto que compreendemos aqui como ausência de produção compartilhada de sentidos. Como resposta à ausência do outro, as interações por internet ganharam relevância. Discutimos as presenças mediadas tecnologicamente, dando ênfase ao papel das redes sociais no cotidiano, às formas de produzir sentidos participativamente neste contexto, atenuando as emoções de ausência, mas por outro lado intensificando sofrimentos específicos gerados por esse modo de se relacionar e produzir subjetividade. Concluimos apontando para a diversidade de formas de experienciar os efeitos da

pandemia, inclusive ressaltando que não apenas as ausências provocaram sofrimento neste período, mas também algumas presenças, causando sobrecarga pelas demandas de cuidado.

Palavras-chave: COVID-19. Presença. Ausência.

Introdução

Em decorrência da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), vivenciou-se transformações nas relações humanas, que passam pela ausência e/ou morte do outro, pela falta da vida habitual, podendo gerar sofrimento psíquico ou angústia para muitas pessoas. Frente ao cenário epidemiológico, o distanciamento social tornou-se uma das principais estratégias para conter a transmissão do vírus. Porém, ela pode ser experienciada como sinônimo de solidão, ansiedade e desânimo, sentimentos que estão atrelados ao medo da perda da normalidade, à incerteza de como será o futuro pós-pandemia, à insegurança sobre a finitude da própria vida, da vida de pessoas próximas e até dos vínculos que já não podiam ser cultivados como antes, por meio da presença física, em algumas mudanças que ainda persistem, mas que puderam ser especialmente percebidas no primeiro ano da pandemia.

O presente artigo busca refletir sobre alguns efeitos da pandemia da COVID-19 na subjetividade, especificamente abordando a questão da ausência, experienciada em relação a uma concepção e vivência de presença, como elemento que conforma sentidos nas relações e na percepção de si e do mundo. Discutimos a solidão, constituinte de muitas experiências vivenciadas durante o distanciamento social, principalmente no início da pandemia, como uma emoção de ausência não apenas ou necessariamente do outro, mas da produção compartilhada de sentidos. Diversos artigos (ORSINI et. al, 2020; CREPALDI et. al, 2020; CREMASCO, 2020) discorrem acerca dos efeitos que a ruptura social e as perdas decorrentes da pandemia podem causar na saúde mental, como o aumento no nível de ansiedade, depressão e estresse. No entanto, um dos maiores impactos da COVID-19 é percebido principalmente na elaboração do processo de luto, que é uma experiência específica de ausência vivida pelas milhares de pessoas que perderam entes queridos para a doença.

A experiência do luto na pandemia tem se tornado ainda mais dolorosa e difícil devido a uma série de restrições, como a impossibilidade da realização dos rituais fúnebres e a sequência de óbitos em um mesmo núcleo familiar. Do mesmo modo, a falta

de comunicação e interações entre o enfermo na iminência da morte e seus familiares prejudicam o processo de despedida e a elaboração do luto (CREPALDI et al, 2020). Tais limitações dificultam o processo de luto, uma vez que o corpo está ausente, impedindo comprovar seu desaparecimento (CREMASCO, 2020). Diante das diferentes perdas e distanciamentos, a solidão torna-se um sentimento presente e diferentes formas de ausência se perfazem, seja dos mundos antes conhecidos ou de pessoas com quem se compartilhava o cotidiano.

Roberts e Krueger (2020) discutem a solidão como uma experiência emocional de ausência, fazendo uso da terminologia que tem sido empregada frequentemente, que diferencia solidão e solitude. Para os autores, a solidão, como um estado subjetivo, não necessariamente pode ser sobreposta a uma condição objetiva específica. Isto é, a solidão que eles discutem é a dolorosa ausência do outro, que não se verifica sempre que estamos sozinhos, uma vez que se pode estar confortável apenas na própria companhia, o que configura algo mais próximo da solitude. Assim como a solidão, outras emoções estão relacionadas à ausência. Alguns exemplos são a nostalgia (ausência de aspectos do passado), o amor não correspondido (ausência de atitudes amorosas do outro), a timidez (ausência de capacidades relacionadas à autoexpressão e à interação social) e a saudade de casa (ausência da sensação de conforto específica que a casa oferece). Estas emoções de ausência, segundo os autores, possuem uma estrutura que contém duas partes, sendo a primeira uma atitude positiva em relação àquilo que falta, a percepção de que se trata de algo bom e a segunda, uma certa consciência da ausência deste objeto e de que se pode muito pouco ou nada para revertê-la.

Em relação à solidão, Roberts e Krueger (2020) enfatizam que junto com a ausência, é sentida a falta de diferentes benefícios que cada uma das relações oferece. Conversas amigáveis ou piadas com colegas de trabalho, por exemplo, podem ter importância significativa no cotidiano, assim como a intimidade mais profunda de relações familiares, amorosas ou com amigos próximos oferecem diferentes tipos de conforto emocional. Com essas diversas relações, as pessoas exercem o que os autores referem como aspectos da sua identidade individual: podem ser prestativas, honestas, afáveis, leais, românticas e uma infinidade de outras características que só podem ser expressas ou desenvolvidas no encontro.

Embora os autores enfatizem aspectos individuais que necessitam da presença de outrem para que sejam expressos, cabe aqui sugerir que além destes, pode haver a ausência dos sentidos produzidos compartilhadamente (DE JAEGHER; DI PAOLO,

2007). Isto é, não só as características individuais que são corroboradas pela presença de outras pessoas, mas também aquilo que não pode ser reduzido às identidades individuais, que se coloca no âmbito intersubjetivo, participativo. Na presença física ou não, produzimos sentidos compartilhados a cada momento e estes sentidos contribuem para a construção das nossas perspectivas de mundo individuais, mas não se reduzem a elas. Trata-se de saberes e fazeres, emoções e modos de operação de cada coletivo que são produzidos nos diferentes tipos de interação, gerando algo que pode ser entendido como uma dimensão autônoma (DE JAEGHER, 2014).

É nesse ensejo, pensando naquilo que nos tornamos a partir das nossas companhias, do temperamento às paixões políticas, e naquilo que produzimos participativamente com os outros no presente e no histórico das interações, que se propõe pensar a transformação das vivências de presença e ausência. Ausência da rua, do local de trabalho e presenças intensificadas de algumas relações tais como com os filhos, com companheiros, com genitores e até com tecnologias de comunicação na experiência de distanciamento social. Nesse jogo de coprodução entre ausência e presença, experimentamos colapsos (VARELA, 2003) nos sentidos que atribuímos juntos à vida e seus processos. Neste ensaio, lançaremos mão do conceito de produção compartilhada de sentidos, passando por uma breve apresentação da noção de sentido, seguida pela discussão do que são os estados de ausência e de presença e como estes performam mundos que remodelam formas de se encontrar, reunir e trabalhar a partir da pandemia.

Nesse contexto pandêmico, o acoplamento com as tecnologias digitais teve sua importância renovada, facilitando alguns processos de presença, mas atualizando também algumas formas de sofrimento, com o uso das redes sociais, por exemplo. As consequências deste modo específico de produzir sentidos compartilhados, nas redes, também são abordadas ao final deste ensaio, considerando que é algo que compõe a experiência de distanciamento social e que especifica muito bem a tensão a que nos referimos aqui, entre ausências e presenças.

Para compreender o processo de produção compartilhada de sentidos nas experiências de presenças remodeladas e de ausências, parte-se da abordagem enativa da produção de sentidos (CUFFARI; DE JAEGHER; DI PAOLO, 2015, DE JAGHER; DI PAOLO, 2007, DE JAEGHER, 2014). Estes e outros estudos relativamente recentes são desdobramentos da teoria da enação proposta por Varela, Thompson e Rosch (2003) que entendem a cognição como forma de fazer emergir um mundo na experiência e não representar um mundo independente do sujeito.

Presença, ausência e sentido

A ausência refere-se sempre à não presença de algo ou alguém, por isso é importante falar sobre seu oposto: a presença. Ao pensar no significado da palavra presença reporta-se à noção de vestígios, rastros, marcas, indícios que confirmam o existir. Para Hans Ulrich Gumbrecht (2010), a presença refere-se: “em primeiro lugar às coisas [*res extensae*] que, estando a nossa frente, ocupam espaço, são tangíveis aos nossos corpos e não são apreensíveis, exclusiva e necessariamente, por uma relação de sentido” (GUMBRECHT 2010, p.9). Em outras palavras, a presença segundo o autor é algo que tem impacto sobre os nossos corpos.

Gumbrecht defende que a noção de presença emerge com o objetivo de se opor ao estatuto exclusivo da hermenêutica, rompendo com a ideia, hegemônica na modernidade, de que a nossa relação com o mundo se dá somente por meio da atribuição de sentido. Nessa perspectiva, o autor busca evidenciar a disparidade entre a cultura de presença e a cultura de sentido (também denominada cultura do sujeito), salientando que a nossa relação com o mundo na contemporaneidade se dá muito mais pela via da cultura do sentido, por uma tendência de buscar atribuir sentido a tudo aquilo que nos cerca, do que pela cultura da presença, que emerge de forma secundária neste contexto (RUGGERI, 2015).

Birman (2001), tendo entre outros interlocutores Foucault, também traz a atribuição de sentido como uma marca da modernidade. Nasce naquele período a hermenêutica, perdendo-se a noção de origem, de um fato ou objeto capaz de interromper o processo de interpretação. Passamos então a ter como ininterrupta a tarefa de atribuir significados e produzir verdades. O sentido aqui referido é profundamente ligado aos processos culturais e históricos, característicos da experiência humana. Estes, conforme seguiremos discutindo, não encerram tudo o que se pode compreender por produção de sentidos, mas possuem grande relevância nas vivências subjetivas e não são menos incorporados do que outros modos de produção de sentido.

É a partir desse cenário histórico que Gumbrecht (2010) busca, por meio da noção de presença, superar a metafísica e assim trazer à consciência um modo de se relacionar com o mundo que se encontra em vias de esquecimento. Rejeitando a posição do sujeito como excêntrica na relação com o mundo, em prol de uma abertura maior às contingências localizadas, o autor traz não só a consciência, como também o corpo como sendo partes integrantes de nossa existência. Esse corpo é capaz de afetar-se e de ser

afetado através do contato com o mundo e as coisas, isto é, por meio do contato com a presença.

Birman (2001) destaca que as ferramentas de pensamento e de compreensão do mundo delegadas pela modernidade não concebem um tipo de sujeito cuja experiência seja reduzida ao âmbito racional ou consciente. O autor cita o pensamento de Freud, que tem no próprio conceito de inconsciente o núcleo da sua teoria, bem como a compreensão das pulsões como algo que especifica fortemente nossos sentidos. Marx, que apesar de compreender a luta de classes e a economia política como moventes da história e constituintes da subjetividade, também não colocava estes processos como imediatamente apreensíveis pela consciência, de modo que os conceitos de alienação e ideologia dão conta das dimensões que conformam o sujeito à revelia de sua consciência. E Nietzsche, que compreende que é no embate de forças que se produz sentido. Ou seja, as teorias que estruturam o pensamento da modernidade já apontavam para um descentramento do sujeito racional e do sentido. O corpo, por sua vez, experimenta esse descentramento e não temos necessariamente acesso a tudo que a cada momento constitui nossos modos de apreensão do mundo, porque isto não é redutível à história e crenças individuais (GURGE; KASTRUP, 2017). Atentar às forças que põem o corpo em movimento e povoam a mente no presente não é necessariamente um movimento natural, mas é antes um exercício.

As tradições da atenção e da consciência reconhecem a presença como um exercício. Por exemplo, em um sentido budista, de forma corriqueira não estamos presentes. Ou seja, nosso corpo e mente não estão sempre em coordenação estreita. O exercício da meditação, nessa perspectiva, permitiria a observação do fluxo disperso da mente (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003).

Esses apontamentos sobre algumas diferentes matrizes de pensamento nos oferecem elementos para pensar na experiência da presença, não no sentido de uma totalidade de controle sobre os elementos que forjam os sujeitos, o que não seria possível, mas de um acompanhamento do presente. A presença é aqui compreendida como um modo de atentar à relação corpo/mundo, e de estabelecer uma certa sintonia entre corpo/mente, afeto/pensamento.

Além da própria presença experienciada, atribui-se sentidos às presenças e ausências das outras pessoas e de certas configurações da realidade. No livro “O Casaco de Marx”, Peter Stallybrass (2008) destaca o quanto os objetos carregam nossa presença, mesmo quando não estamos mais, estabelecendo no outro, afetação. Essa presença não

está mais representada por um corpo físico e sim pela jaqueta de Allon, seu amigo já falecido, como aparece no trecho: “se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de “memória”. Ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro” (p. 10).

A narrativa de Stallybrass, que fala a respeito da relação entre os processos de luto, a materialidade das roupas e das memórias produzidas nesse interjogo, não se refere a uma presença física em sentido estrito. Existe aí um processo de afetação material - o cheiro - e de sentido pela memória, por meio das roupas. Não se trata da presença “real” do amigo, mas de uma presença evocada justamente por meio do sentido, em quem fica. A presença é mantida pelas marcas da relação entre Allon e sua jaqueta. Allon não estava ali, mas sua roupa e seu cheiro tinham ainda impacto sobre o corpo de quem agora narra a história. O que apreendemos desse exemplo é que aquilo ou aquele que está ausente, mas segue importando, se faz presente por meio do sentido, corporificado e materIALIZADO na jaqueta.

No contexto discutido aqui, nem sempre se trata de luto ou de uma fronteira muito bem estabelecida entre presença e ausência. No caso das pessoas que morreram e das ausências que ficam destas partidas, a experiência de seus entes queridos pode ser próxima à de Stallybrass (2008), mas em muitos casos de quem está longe para proteger-se do vírus, a ausência temporária, do cheiro, do calor e do corpo do outro pode converter-se na presença da imagem, do som e da palavra escrita. Quando isso acontece, no caso de interações síncronas, além da dimensão da percepção e afeto sobre a presença do outro, há também a construção da própria presença com o outro, no sentido de atenção à interação.

É nesta fronteira entre a presença/ausência e a produção de sentidos que segue a discussão. Não para discordar da distinção teórica estabelecida por Gumbrecht (2010), mas para, partindo dela, pensar algumas nuances do que tange especificamente à produção compartilhada de sentidos durante o período de distanciamento, que tem efeitos sobre o corpo e o exercício da linguagem simultaneamente. Cenário marcado por uma interrupção do curso habitual de presenças e ausências e pelo estabelecimento de uma nova organização das mesmas, ainda que temporária.

Produção compartilhada de sentidos

Diferentes teorias têm discutido o conceito e a operação da produção de sentido, especialmente no que tange ao papel da linguagem, podendo ser identificadas duas posições principais sobre essa questão. A primeira compreende que o sentido se dá mesmo antes da aquisição da linguagem e esta não é um atributo necessário para que, por exemplo, um bebê humano tenha certo conhecimento acerca de sentimentos e sensações que lhe acometem a partir do seu contato com o mundo. A segunda defende que o sentido é atributo da linguagem (COSTA, 2001).

Os debates sobre o sentido começam pela semântica. Sentido pode significar estar ciente, ter conhecimento de algo (COSTA, 2001), direção, significação compartilhada. Ou ainda, participio do verbo sentir, conformando diferentes interpretações em torno das tensões existentes entre corpo, afeto e linguagem, na questão do sentido (MAIA, 2001).

Para a abordagem enativa da cognição, a produção e sentido não é atributo exclusivo do humano, mas é a atividade corporificada de todo o ser vivo na especificação de seu mundo (DE JAEGHER, 2014). O domínio das explicações não tem, portanto, valor ontológico de superioridade em relação a qualquer outro tipo de experiência, declarativa ou não (KROEFF; GAVILLON; MARASCHIN, 2016). Produz-se sentido a partir do acoplamento, que é a relação mais ou menos constante que efetua perturbações mútuas entre o ser e o meio. Cuffari, De Jaegher e Di Paolo (2015) procuram evidenciar que o acoplamento não é o único elemento que assegura a produção de sentido, mas um deles. O afeto, entendido como aquilo que vai produzindo relevâncias a cada momento (THOMPSON, 2013) também participa ativamente dessa produção.

A produção de sentido, nesse modo de compreender, está profundamente relacionada com a precariedade dos sistemas vivos, a dependência do outro e do meio para a manutenção da vida, ao mesmo tempo que com a autonomia (CUFFARI; DE JAEGHER; DI PAOLO, 2015). Esta última, por sua vez, não tem a ver com uma concepção liberal de independência, mas com a produção de si em relação com o meio, ao mesmo tempo em que se estabelece um domínio de distinção dele.

Os sistemas vivos produzem sentido a fim de manter e produzir sua rede de relações, de modo que há, na produção de sentido, elementos de valoração das interações com o meio, podendo ser neutras, positivas ou negativas. Como somente podemos ser autônomos na relação com outros seres, não produzimos sentido apenas individualmente, mas também participativamente. De Jaegher (2014) define a produção compartilhada de

sentidos como certos domínios estabelecidos pelas interações, que não podem ser reproduzidos fora delas, de modo que não dependem da soma das autonomias individuais dos participantes, mas constituem uma dimensão autônoma.

Cuffari, De Jaegher e Di Paolo (2015) apresentam uma interessante perspectiva sobre a linguagem e produção de sentido humanas. Segundo as autoras e o autor, nossos modos individuais e coletivos de produzir sentido são, em grande medida, permeados pela linguagem, por um processo de incorporação, que não se trata apenas da repetição de comportamentos, mas da formação de um corpo específico, que eles chamam de corpo linguístico. Na linguagem, são administradas as tensões entre o que é idiossincrático e o que é comum, e nas conversações experiencia-se o aprendizado de papéis em relação com os outros, de modo que se pode, em uma interação, estar ora mais próximo da liderança dos “turnos”, ora guiando-se mais pelas ações do outro.

A produção compartilhada de sentidos não depende apenas de concordâncias ou compreensão, mas conforme atentam Cuffari, De Jaegher e Di Paolo (2015), o mal entendido tem um papel muito importante. É ele que pode impulsionar a continuidade da produção de sentidos. Se tudo parece pronto e é perfeitamente compreendido, não há motivos para a continuidade do sistema autônomo formado por um coletivo em interação. Quanto mais simétricas as interações, ou seja, mais igualitária em termos de negociação e menos instrutiva, mais participativa é a produção de sentido (RAMM; MONTEIRO; WILLE, 2019) e, portanto, mais alargada a autonomia de cada agente ao participar daquela construção.

Tomando como exemplo a solidão, seguindo a pista de Roberts e Krueger (2020), entendida como uma emoção de ausência, propõe-se aqui que um elemento significativo para a sua emergência é a ausência não só ou necessariamente do outro, mas da produção compartilhada de sentidos. Sentir-se em companhia pode envolver a presença física do outro, mas também implica algum senso conjunto de propósito (SCHAFER, 2016), ao passo que sentir-se solitário, estado que pode ocorrer mesmo na presença de outras pessoas, envolve ausência de propósito ou do processo de produção compartilhada de sentidos. Esses sentidos se referem tanto à linguagem verbal, quando por processos de conversação busca-se consensos e lida-se com dissensos, produzindo a tendência da continuidade da interação, quanto por outros tipos de ação corporificada conjunta. Exemplos destas ações seriam estar juntos em silêncio, atentar conjuntamente a algo, fazer algum tipo de trabalho manual/físico com alguém, dançar, praticar esportes. Ou mesmo conviver com animais não-humanos, que embora não sejam “corpos linguísticos”,

quando domésticos estão imersos a algum nível de linguagem, podendo ser perturbados pela entonação da fala, por exemplo, ainda que não o sejam pelo significado das palavras (CUFFARI; DE JAEGHER; DI PAOLO, 2015).

Cabe ressaltar que na concepção aqui expressa, a produção compartilhada de sentidos é entendida como um processo que se dá a cada momento. Desse modo, alguns elementos do histórico de interações e mesmo os significados culturais, históricos e políticos compartilhados por determinado coletivo podem não se atualizar no presente como processo participativo de fazer emergir sentido, tornando possível sentir-se solitário em um ambiente em que se está com pessoas com quem se compartilha uma história, como por exemplo a família. Por óbvio, não afirma-se que a ausência de produção compartilhada de sentidos é a única responsável pela solidão, mas um aspecto importante nessa experiência emocional. Este argumento, bem como os conceitos de presença e produção de sentidos, será retomado nas sessões seguintes do texto, quando abordada a experiência corporal de algumas ausências vividas durante a pandemia, bem como a presença mediada tecnologicamente nesse período.

A experiência corporal da ausência

O jogo de deslocamentos entre ausências e presenças interposto pela pandemia levou a produzirem-se novas formas de pensar e experienciar o corpo, seja ele o próprio, seja o corpo do outro. Um corpo que agora se vê longe de tantos que antes compunham o cotidiano, um corpo fragmentado e que ameaça outros corpos com a possibilidade da morte, ao mesmo tempo que anseia por contato físico. Daniela Lima (2020), em seu texto “corpo-vetor e corpo-utópico”, problematiza a experiência corporal frente à pandemia da COVID-19. Com isto, traz a concepção do corpo-vetor como sendo este corpo desorganizado que carrega a possibilidade do adoecimento de si e do outro. A pandemia aproximou sujeitos corporalmente da experiência da morte, exigindo um cuidado de si que se encontra indissociável do cuidado com o outro. Além do corpo-vetor, a autora traz também a concepção de corpo-utópico, que só existe no limite do toque do outro, assegurando a respeito da própria existência. Um corpo que diante do isolamento e da impossibilidade do toque, precisa se reinventa. Um corpo que agora (se) vê e é visto através de uma tela. “Mediado pela tecnologia, o corpo passa a existir para além de si mesmo, em rastros, imagens e memórias: corpo-utópico que não existe, senão no limite do toque” (LIMA, 2020, p.10).

O corpo passa a ser afetado de forma diferente no espaço virtual. Sem mais a possibilidade do toque, é visto por meio de pequenos fragmentos que a tela do computador ou do celular permite exibir. Transforma-se em uma imagem que passa a se relacionar com as imagens dos outros corpos de forma insegura, sem a certeza de que as pessoas lhe ouvem e enxergam bem. Essa incerteza se refletia também nos rumos da vida, de quando a pandemia poderia acabar e de que forma se iria experienciar esse momento pós-pandêmico.

A incerteza e os sentidos moventes e potencialmente infinitos acompanham a constituição da subjetividade desde a modernidade, como analisa Bauman (2001). Vive-se em uma sociedade líquida, onde as coisas se transformam a todo instante e as relações se tornam efêmeras, onde o imperativo é o consumo. As consequências são individualismo, solidão e relações superficiais. O papel das redes sociais é interessante para se pensar essa forma de relação com o mundo, a qual possibilitou ter um número maior de interações, porém com menos profundidade. No entanto, a pandemia ameaçou as formas de relações com os outros e com o mundo, abrindo margem para o questionamento a respeito do que as ausências dos outros podem fazer colapsar nos sentidos da presença. Há alguns anos, os *smartphones* são acessórios nos encontros presenciais: no restaurante, nas festas, nas reuniões de família. O outro, que antes estava ao lado enquanto navega-se na internet e tinha-se a possibilidade de manter múltiplas interações ao mesmo tempo, com o distanciamento passou a habitar somente a presença mediada tecnologicamente e à distância do corpo.

Junto com a efemeridade das relações, a precarização do trabalho e a fragilização das instituições políticas também reforçam o cenário de incertezas, tão importantes quanto às relacionadas ao próprio fim da pandemia. Tanto quanto a experiência do sentido, a do não-sentido (KROEFF; GAVILLON; MARASCHIN, 2016) ganha relevância: um certo desengaço na relação com o mundo, uma inadequação nas formas de agir e produzir explicações. Não confundindo-se com uma inadequação nas formas de representação, como poderia ser compreendido por abordagens tradicionais da cognição, mas constituindo ausências de prontidão para ação consolidadas. Essas experiências de não-sentido, tal como as de mal entendido, como discutimos anteriormente, são fundamentais para o processo de produção de sentidos, pois constituem aberturas. Algumas questões, no período inicial da pandemia, ficavam no campo das incertezas: seguir-se-ia ressignificando a presença física quando ela fosse menos rarefeita? Não caberia abordar aqui todas as questões que se colocam neste campo, mas abre-se a seguir

a discussão a respeito dos modos de produzir sentidos compartilhadamente na configuração específica das interações à distância.

As presenças mediadas tecnologicamente

Emergem-se na contemporaneidade novas modulações subjetivas. As redes sociais demandam que os sujeitos mostrem quem são e quem anseiam ser, em um processo de constante construção de uma identidade que seja influente na internet. A inserção no mundo virtual modifica não só as relações interpessoais, como também produz impactos nas formas íntimas de ser. Os sentidos produzidos participativamente nas redes sociais exemplificam a dimensão autônoma da interação: constituem um mundo compartilhado por aqueles sujeitos, o que acaba resultando nas chamadas bolhas, com efeitos políticos e sociais bastante problemáticos, como o fenômeno das *fake news*.

O mal-estar decorrente da atenção excessiva dada às redes sociais foi intensificado no período pandêmico. Houve um bombardeio de discursos sobre o desenvolvimento do autocuidado e do autoconhecimento, por exemplo, durante um período em que muitas pessoas se encontravam ansiosas e deprimidas, podendo gerar um desconforto ainda maior para aqueles que já não se sentiam bem. Além disso, a pandemia reduziu ainda mais a privacidade. O espaço que antes era do âmbito privado, tornou-se híbrido, fenômeno não inaugurado com a pandemia, mas intensificado durante esse período. A casa, que antes era vista como lugar de descanso - para algumas pessoas privilegiadas - tornou-se sinônimo de trabalho, em muitas situações tendo uma pequena parte exposta pela câmera do computador, criando um micro *reallity shows* do anonimato. E nesse jogo de perdas e ausências - da privacidade, dos abraços, da interação com colegas e amigos - aos poucos foram criando-se novos sentidos, individual e conjuntamente, para cada uma dessas transformações. O modo de fazer isso com o outro passou, para muitas pessoas, a ser prioritariamente por meio das redes sociais, aplicativos de mensagem e vídeo-chamada. A linguagem, que já é fundamentalmente constituinte das produções de sentido humanas, neste contexto, passa a precisar sustentar dimensões de compreensão que antes eram apoiadas pela expressão corporal.

Ao ler um livro ou um e-mail, produz-se sentido participativamente com o autor, embora seja um nível de participação muito diferente de uma conversa síncrona, por exemplo - em presença física ou virtual. Durante o período de distanciamento social em decorrência da pandemia, as interações por internet, síncronas e assíncronas, colocaram

questões e exigiram habilidades para execução de tarefas como reuniões e até aulas para todos os níveis de escolarização. Produzir sentido com o outro sem a presença do seu corpo ocasiona flutuações de atenção muito diferentes. Em uma aula, por exemplo, enquanto uma pessoa participa do celular com uma conexão precária, outra pode estar com vinte abas abertas no navegador do computador, vivenciando de forma radical o descentramento daquela experiência. Tal qual o paradoxo entre as vantagens que as redes sociais permitem ao conectarem quem está distante e seus efeitos de sofrimento, até mesmo a velocidade da internet também pode contribuir para uma condição dispersa durante as interações síncronas, facilitando um modo de atuação multi-tarefa e dificultando a produção compartilhada de sentidos. Isto reverbera nos regimes de atenção, e, portanto, na condição de presença, produzindo corpos e relações.

Vive-se atualmente a superabundância de conexões, em uma economia da atenção (CITTON, 2018). O apelo comercial, cultural, linguístico e artístico compete, especialmente na internet, pela atenção, com uma quantidade de informação que em outros momentos históricos não seria concebível cognitivamente. Este processo de dispersão não coincide com o de distração, que é fundamental para a inventividade da cognição. Ou seja, não se argumenta aqui que uma aula ideal ou uma boa conversa com os amigos é aquela em que não se distrai, já que a distração pode abrir para experiências de problematização (KASTRUP, 2004).

A dispersão que pode ocorrer enquanto se está em uma reunião ao mesmo tempo que em três redes sociais, por sua vez, pode mais do que dificultar a tarefa que está sendo feita, produzir solidão, entendida aqui a partir da ausência de produção compartilhada de sentidos. Como abordado anteriormente, quanto mais simétricas as interações, mais agência tem cada sujeito na produção de sentidos. A dispersão dificulta essa simetria, mesmo quando se trata de relações pouco hierárquicas, já que responsabiliza mais quem consegue estar com mais “presença” na interação.

Nas conversas cotidianas, desenvolve-se ao longo da vida uma certa expertise ao intercambiar com o outro os turnos de fala ou expressão. Em aplicativos na internet isso se dá de modo diferente. Isto não é relevante na pandemia apenas porque se tornou mais frequente, mas também porque muitas pessoas que não possuíam um acoplamento anterior com as tecnologias digitais passaram a ter nesse período. Todo esse processo não trouxe apenas dificuldades, mas também permitiu apoio emocional, de diversas formas, para pessoas isoladas de seus entes queridos, muitas em sofrimento por processos de luto, dificuldade financeira e medo.

Um exemplo evidente disso, foram os atendimentos psicoterápicos que antes eram realizados de forma presencial e deslocaram-se em grande parte para o espaço virtual com o início da pandemia. Diversos profissionais buscaram se adaptar a esse novo cenário, incorporando essa nova modalidade - de atendimento *online*, que antes era menos comum - em sua rotina de trabalho. Nessa perspectiva, a própria psicoterapia teve que também se adaptar a esse novo meio, pois a comunicação entre terapeuta e paciente se dá através da tela e está sujeita a sofrer diversas interferências, como problemas de conexão, insegurança do paciente em relação à sua privacidade devido à presença de familiares, entre outros.

Considerações finais

Há diversas formas de sentir e experienciar os efeitos da ausência frente à pandemia. Entender e abraçar essa diversidade de emoções e sentidos neste momento é um primeiro passo para que se possa ampliar as compreensões do mundo e ações nele, de forma a buscar novos caminhos para transformá-lo coletivamente, mesmo em situações de profunda adversidade.

Do mesmo modo que algumas ausências podem gerar sofrimento, como debatido ao longo do texto, as presenças também podem ser causadoras de estresse e angústia. Exemplo disto é que a pandemia inseriu a presença das crianças, que por muitos meses permaneceram em casa por conta da suspensão das aulas presenciais, na rotina de trabalho dos pais, que precisaram ensinar e ajudar seus filhos com as tarefas da escola, ou até mesmo desenvolver atividades para que possam mantê-las entretidas. Sendo assim, muitos pais relatam que tiveram dificuldades para conseguir conciliar o trabalho com a presença dos filhos em casa, gerando sobrecarga e sofrimento psíquico. Além disso, o convívio de forma mais intensa não só com os filhos, como com todos os integrantes da casa, constitui uma experiência desafiadora e desgastante para muitas pessoas que não estavam acostumadas.

Evidentemente que a presença das crianças não é algo ruim a priori, mas pode gerar sofrimento à medida que as experiências de trabalho na sociedade capitalista não costumam poder parar quando se necessita exercer a atividade não remunerada do cuidado. Coloca-se nesse exemplo, assim como em muitas outras nuances, como a desigualdade de gênero no próprio cuidado e trabalho doméstico, a dimensão política de qualquer estudo ou prática em psicologia. Tem-se, também a partir deste campo de saber,

agência social. Quando nos propomos estudar experiências como a do distanciamento na pandemia, participamos da construção de sentidos no mundo, produzindo explicações de maneira incorporada, a partir da escuta ou de outras formas de experienciar o outro.

Pensando nessa dimensão política, tão importantes quanto as pesquisas que tematizam o agravamento de psicopatologias durante a pandemia, são os estudos que abordam os temas existenciais que se tornam urgentes nas experiências sociais e individuais: solidão, ausência, desesperança, colocadas menos como sintomas e mais como sentidos possíveis construídos a partir de corpos, afetos e linguagens.

Sobre o papel da internet e das redes sociais como meio primordial de produzir sentidos com o outro durante esse período, procurou-se ensaiar algumas pistas que dizem de sofrimentos específicos deste tipo de interação. Não se trata de uma avaliação maniqueísta do que é bom ou mau, mas de pensar que presença é possível performar com o outro, mesmo em momentos em que não se pode estar com ele fisicamente. Além dessa experiência de companhia, trata-se da própria presença, da disposição do corpo no espaço e da percepção a respeito disto e dos elementos do meio que conformam o mundo subjetivo.

A ausência do corpo materialmente experienciado do outro, ou de alguns dos outros significativos na vida do sujeito inscreve necessariamente um novo modo de produzir sentido participativamente. Certamente que aqui apenas foi ensaiada a questão, há muito ainda por ser dito e pesquisado, pela ciência, as elucubrações teóricas, mas sobretudo, nas relações que as pessoas estabelecem em seus cotidianos e nas elaborações que se fazem ali.

THE EXPERIENCE OF SOCIAL DISTANCING: BETWEEN PRESENCES, ABSENCES AND SENSES

Abstract

This theoretical essay sought to discuss the transformations that the experience of social distancing due to the pandemic of the new coronavirus has operated in the forms of participatory sense-making. To this end, we use contributions from the enactive approach to cognition on the concept of sense-making. The notions of presence and absence, as co-produced and relevant dimensions in the collective experiences of the last period, permeated all reflection. We understand the sense as an embodied realization that moves and maintains life and its network of relationships, so that it is produced not only individually, but also participatively. We advanced in the discussion about the bodily

experience of absences, highlighting loneliness in the aspect that we understand here as the absence of participatory sense-making. In response to the absence of the other, internet interactions have gained relevance. We discussed the presences technologically mediated, emphasizing the role of social media in everyday life, the ways of participatory sense-making in this context, attenuating the emotions of absence, but on the other hand intensifying specific sufferings generated by this way of relationship and producing subjectivity. We conclude by pointing to the diversity of ways of experiencing the effects of the pandemic, including that not only the absences caused suffering in this period, but also some presences, causing overload by care demands.

Keywords: COVID-19. Presence. Absence.

LA EXPERIENCIA DEL DISTANCIAMIENTO SOCIAL: ENTRE PRESENCIAS, AUSENCIAS Y SENTIDOS

Resumen

Este ensayo teórico buscó discutir las transformaciones que ha operado la experiencia de distanciamiento social debido a la pandemia del nuevo coronavirus en las formas de creación de sentido participativo. Con este fin, utilizamos contribuciones del enfoque enactivo de la cognición sobre el concepto de producción de sentido. Las nociones de presencia y ausencia, como dimensiones coproducidas y relevantes en las vivencias colectivas del último período, permearon toda reflexión. Entendemos el sentido como una realización encarnada que mueve y mantiene la vida y su red de relaciones, de modo que se produce no sólo de forma individual, sino también participativa. Avanzamos en la discusión sobre la vivencia corporal de las ausencias, destacando la soledad en el aspecto que aquí entendemos como ausencia de producción de sentidos participativos. En respuesta a la ausencia del otro, las interacciones por Internet han ganado relevancia. Discutimos las presencias mediadas tecnológicamente, enfatizando el papel de las redes sociales en la vida cotidiana, las formas de crear sentidos participativamente en este contexto, atenuando las emociones de ausencia, pero por otro lado intensificando los sufrimientos específicos generados por esta forma de relacionarse y producir subjetividad. Concluimos señalando la diversidad de formas de vivir los efectos de la pandemia, incluyendo que no solo las ausencias causaron sufrimiento en este período, sino también algunas presencias, provocando sobrecarga por las demandas de cuidado.

Palabras clave: COVID-19; Presencia; Ausencia.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 301 p.

CITTON, Yves. Da economia à ecologia da atenção. **Ayvu: Revista de Psicologia**, v. 5, n. 1, p. 13-41, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/27498>. Acesso em: 10 jul. 2020.

COSTA, J.F. A questão do sentido em psicanálise. In: BEZERRA JÚNIOR, B.; PLASTINO, C. A. **Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, p. 199-218, 2001.

CREMASCO, M.V. F. Luto na Pandemia COVID-19 - Entrevista com a Profa. Dra. Maria Virgínia Filomena Cremasco [entrevista]. **Rev PsicoFAE Pluralid em Saúde Mental**, v.9, n. 1, p. 7-17, 2020. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/289/182>

CREPALDI, M.A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D.S.; BOLZE, S.D.A.; GABARRA, L.M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estud. psicolog**, v. 37, p.1-12, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508

CUFFARI, E.C.; DE JAEGHER, H.; DI PAOLO, E. Da criação de sentido participativa à linguagem: lá e atrás novamente. **Phenom Cogn Sci**. p. 1089-1125, 2015. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s11097-014-9404-9?fb_ref=Default&fb_source=message

DE JAEGHER, H.; DI PAOLO, E. Participatory sense-making. **Phenomenology and the cognitive sciences**, v. 6, n. 4, p. 485-507, 2007.

DE JAEGHER, H. Enacción y autonomía: cómo el mundo social cobra sentido mediante la participación. In: Rocha, A.C. **Autonomía con otros**. Ensayos sobre bioética. Madrid: p.111-131, 2014.

GUMBRECHT, H.U. **Produção de presença: O que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2010.

GURGE, V.T; KASTRUP, V. Ressonâncias Entre a Abordagem da Enação e a Psicologia Clínica. **Estud Pesqui Psicol**. v.17, n.3, p. 1122-1139, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/37705/26533>

KASTRUP, Virginia. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia & sociedade**, v. 16, n. 3, p. 7-16, dez 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Zs7wtDMRTYJX338HyT5YqyJ/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 13 dez. 2021.

KROEFF, R. F. S.; GAVILLON, P. Q.; MARASCHIN, C. O não-sentido na Cognição Enativa. **Pólis e Psique**, Porto Alegre, p. 204-210, jan. 2016.

LIMA, Daniela. Corpo-vetor e corpo-utópico. **N-1 edições**, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/101>. Acesso em 12/01/2021.

MAIA, M.S. A questão do sentido na clínica psicanalítica. In: BEZERRA JÚNIOR, B.; PLASTINO, C. A. **Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, p. 263-284, 2001.

ORSINI, M.; FILHO, J.T.S.; CASTRO, R.R.T.; NASCIMENTO, J.F. Narrativas sobre o processo da vida e da morte marginal durante a pandemia por COVID-19. **Rev Augustus**, v. 25, n. 51, p. 370-380, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/583>

RAMM, L. V.; MONTEIRO, T. G.; WILLE, R. V. Política Cognitiva Autogestionária: ética e produção de sentido participativa. **Revista Fronteiras em Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 105-119, 2019.

RAMM, L.V. RANIERE, E. Profanar a utopia: dos cenários sociais em lusco-fusco. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 1, p. 7-29, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/69433/52406>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ROBERTS, T.; KRUEGER, J. Loneliness and the emotional experience of absence. **The South Journ of Philo**, 2020.

RUGGERI, S. Substancialidade e Presença: Acenos de Gumbrecht para o conceito Heideggeriano de ser. **Kínesis Rev Estud dos Pós-Graduand em Filos.** v.7, n.13, p. 117-132, 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/5448>

SCHAFER, Marc. Enactivism as a powerful theoretical framework for research and tool to reflect on my own role as a supervisor. **African Journal of Research in Mathematics, Science and Technology Education**, v. 20, n. 3, p. 314-324, 2016.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 111 p.

THOMPSON, Evan. **A mente na vida**: biologia, fenomenologia e ciências da mente. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

VARELA, F. O reencantamento do concreto. **Cadern de subjetiv.** v.11, p. 71-86, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossujeitividade/article/view/38767/26313>

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BIRMAN. O sentido da retórica: sobre o corpo, o afeto e a linguagem em psicanálise. In: Bezerra, J.R; Plastino, C.A. **Corpo, afeto, linguagem**: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

Sobre os autores:

Lais Vargas Ramm

Doutoranda em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Psicologia Social e Institucional pela mesma universidade e graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: laisramm@gmail.com

Andressa Silveira da Silva

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Graduada em Artes Visuais (bacharelado) pela mesma universidade. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: andressa.silveira@hotmail.com

Cleci Maraschin

Mestra e doutora em Educação e graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora titular aposentada e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional na mesma universidade. E-mail: cleci.maraschin@gmail.com

Recebido em: 25.03.2022

Aceito em: 28.04.2023